

Sessão Coordenada 77 - **SKINNER E OS OUTROS: DIÁLOGOS SOBRE FILOSOFIA E BEHAVIORISMO RADICAL**

VARIABILIDADE E SELEÇÃO NAS PRÁTICAS DO BEHAVIORISMO RADICAL.

Júlio César Coelho de Rose/ UFSCar; César Antonio Alves da Rocha/ UFSCar; Henrique Mesquita Pompermaier/ UFSCar

Pesquisadores e estudiosos de uma área apresentam-se, em geral, organizados em linhas de pensamento ou abordagens, construídas a partir da obra de um autor expoente. Esse parece ser o caso do behaviorismo radical de B. F. Skinner. A centralidade e autoridade da figura de Skinner sobre a comunidade é proeminente ainda hoje. Um panorama da obra de seus principais discípulos facilmente revela uma ampla maioria de seguidores que subscrevem integralmente a proposta skinneriana, sendo raros os dissidentes. Dentre esses, há até mesmo aqueles que classificam sua perspectiva como “pós-skinneriana”, tamanha a influência do autor. É como se, para esboçar qualquer crítica, conquanto construtiva, ou qualquer possibilidade de diálogo com outras tradições teóricas e filosóficas, fosse preciso justificar-se antecipadamente em respeito à autoridade do líder. Esse legado, bendito ou maldito, deixado por Skinner pode encerrar consequências preocupantes se pensarmos a análise do comportamento como uma forma de prática cultural, segundo a noção de prática cultural delineada pelo próprio autor. Skinner alertava para o fato de que uma cultura deveria apresentar certa estabilidade, mas que também deveria mudar, e que apresentaria especial valor de sobrevivência se pudesse evitar o respeito excessivo pela tradição e medo da novidade, por um lado, e mudanças excessivamente rápidas, por outro. Diante disso, resta indagar: temos nós, analistas do comportamento, dado ouvidos a esse alerta? Seríamos mais skinnerianos que o próprio Skinner? Por um lado, Skinner mostrou-se, por vezes, reticente e resistente diante de potenciais controvérsias inerentes ao sistema de pensamento por ele inaugurado. “Em que sentido meu trabalho é controverso?”, questionou num prefácio que escreveu para uma coletânea de textos que discutiam aspectos polêmicos de sua obra. Por outro lado, em diferentes momentos Skinner dedicou-se à discussão de ideias de outros autores, aproximando e distanciando seu sistema daqueles propostos por William James e Sigmund Freud, e ao diálogo virtuoso mesmo com alguns de seus principais antagonistas, como Carl Rogers. Ao lado das brilhantes contribuições legadas nos campos teórico e experimental, talvez essa disposição de Skinner ao diálogo seja mais uma característica que merece ser preservada. Não só de acordos vive (e sobrevive) uma corrente de pensamento. Apesar de aparentemente contra-intuitiva, a existência de discípulos divergentes e o diálogo com diferentes tradições é essencial para produção de variabilidade, e consequente aumento da probabilidade de sobrevivência dessa prática. Trata-se, em certa medida, de explorar diferentes possibilidades, criar respostas novas, colocar hipóteses e argumentos em condições de serem selecionados por suas consequências. A sobrevivência de compreensões e propostas comportamentalistas radicais, dar-se-ia, assim, não pelo fechamento e hermetismo da comunidade analítico-comportamental, mas também por sua abertura e disposição para “falar com estranhos”.

Behaviorismo radical; B. F. Skinner; variabilidade

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processos n°: 2013/25363-9 e 2014/02981-1)

Pesquisador - P

AEC - Análise Experimental do Comportamento

SOBRE A FELICIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE EPICURO E SKINNER. *Carolina Laurenti/ Universidade Estadual de Maringá, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Maringá-PR*

A sociedade ocidental tem conseguido promover um relativo aumento na produção, na diversidade e na disponibilidade de bens para o consumo. No entanto, essa suposta abundância e a possibilidade de usufruir dela não parecem estar levando, necessariamente, à felicidade. Prova disso é o grande número de pessoas, na atualidade, que se mostram ansiosas, deprimidas, apáticas, angustiadas, tendo, por vezes, que se valer de medicamentos para relaxar e para dormir. Como entender esse paradoxo? Este trabalho pretende sondar essa questão por meio de um diálogo entre Epicuro e Skinner. Em um primeiro momento, serão apresentadas algumas teses de Epicuro sobre a felicidade, encontradas de modo mais sistematizado em sua “Carta sobre a Felicidade”. A primeira delas diz respeito à relação entre prazer e felicidade: o prazer está na base da felicidade. No entanto, essa relação precisa ser discutida com cautela, pois, contrariando algumas vulgatas sobre a filosofia hedonista, Epicuro defende uma “dietética dos prazeres”: nem todos os prazeres devem ser buscados, ao mesmo tempo em que nem todo sofrimento deve ser evitado. Com efeito, a segunda tese sobre a felicidade remete ao cálculo do prazeres de modo a satisfazer duas condições: a saúde do corpo e a tranquilidade da “alma”, pois é nisso que está a felicidade para Epicuro. Essa reflexão epicurista servirá como pré-texto filosófico para interpelar o texto skinneriano sobre a temática da felicidade. A relação entre prazer e felicidade na filosofia hedonista pode ser esclarecida e complementada com a discussão skinneriana sobre (i) os dois efeitos do reforçamento (prazeroso e fortalecedor), (ii) o papel dos tipos de reforçadores (natural e artificial), e (iii) os tipos de controle (contingências e regras) que têm vigorado nas relações comportamentais contemporâneas. Skinner argumenta que a sociedade ocidental tem privilegiado o efeito prazeroso em detrimento do fortalecedor, por meio da corrosão das contingências de reforçamento. Os eventos prazerosos não estão sendo apresentados de modo contingente a um tipo de ação específica, impedindo a formação de operantes e, por conseguinte, obstruindo o surgimento de tendências comportamentais. Além disso, para fazer com que as pessoas continuem se comportando, geralmente os reforçadores arbitrários e as regras parecem estar em jogo, ao invés dos reforçadores naturais e das contingências. Tudo isso contribui para que as pessoas não se identifiquem com suas ações: elas não gostam do que fazem e não fazem o que gostam, enfim, elas são infelizes. O proposta skinneriana para o enfrentamento dessa condição de infelicidade vai ao encontro da noção epicurista de uma “dietética dos prazeres”: trata-se de reconhecer a importância do autocontrole para que não só o efeito prazeroso, mas também o efeito fortalecedor do reforçamento possa figurar nas relações do ser humano com o mundo natural e social. Trata-se também de criar condições para que o efeito fortalecedor seja alcançado por contingências que envolvam reforçadores naturais. Com efeito, no rastro de Epicuro e de Skinner, a felicidade continua sendo um projeto para a humanidade.

Área: OUTRA - Epistemologia da Psicologia.

felicidade; prazer; comportamento; autocontrole

Pesquisador - P

OUTRA – descrever área no final do resumo

DISSONÂNCIAS FILOSÓFICAS ENTRE SKINNER E COMTE. *Lígia Maria Coutes*/ Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Maringá, PR; Carolina Laurenti/ Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Maringá, PR*

Este trabalho discute possíveis relações entre Comte e Skinner como uma tentativa de colocar em perspectiva a classificação do comportamentalismo radical como positivista, frequentemente encontrada na literatura de comentário. Como consequência dessa filiação, Skinner é visto como objetivista, superficial e reducionista. Uma possível justificativa para essa vinculação é uma confusão entre diferentes propostas de psicologia científica comportamentalistas, como usualmente acontece com as teorias de Watson e de Skinner. A teoria skinneriana é geralmente anunciada como uma continuidade do comportamentalismo de Watson que, por sua vez, apresentaria afinidades com a filosofia positivista. Assim, Skinner, dando continuidade à herança filosófica watsoniana, seria positivista. Já no domínio filosófico, o positivismo tornou-se, após o seu ápice, uma teoria malquista, assumindo diferentes significados nem sempre compatíveis com as formulações comtianas. Considerando a pluralidade de significados da palavra positivismo, por um lado, e a crítica a uma leitura monolítica do comportamentalismo, por outro, a tentativa de esclarecer as bases filosóficas da proposta de psicologia científica de Skinner vinculando-a ao positivismo pode incorrer em confusão conceitual. Tendo isso em vista, a proposta deste trabalho é avaliar o alcance de uma leitura positivista comtiana do comportamentalismo radical. Para tanto, serão cotejadas questões centrais da filosofia da ciência de Comte, em especial, a noção de fato positivo, em suas diferentes acepções (real, útil, certo, preciso, relativo e organizador), com os pressupostos epistemológicos do comportamentalismo radical. Utilizou-se como recurso de investigação a análise conceitual-estrutural de texto para o exame do material bibliográfico referente a Comte e a Skinner. Com base nas leituras foi possível colocar em perspectiva algumas vulgatas sobre essas teorias. No caso de Comte, foram identificadas teses contrárias ao tecnicismo, ao reducionismo e à defesa do uso exclusivo do método experimental, acusações frequentemente disseminadas pela literatura de comentário. Já no caso de Skinner, foi possível mostrar que a defesa dos fatos observáveis em uma ciência do comportamento, bem como a relação entre fatos e teoria, passam ao largo de uma concepção positivista comtiana desses pontos. Além disso, outras questões como a noção de previsão e controle, os tipos de procedimentos metodológicos para o estudo do comportamento e as relações entre diferentes campos científicos são discutidas em bases distintas daquelas estabelecidas pelos pressupostos positivistas comtianos. Com efeito, as aparentes similitudes entre Comte e Skinner são interditas por um estudo mais detalhado de suas teorias epistemológicas. Assim, foi possível tecer relações que permitem afirmar que Skinner não compartilha dos pressupostos positivistas comtianos, já que está mais afinado com uma concepção pragmatista de filosofia da ciência.

Área: OUTRA - Epistemologia da Psicologia.

comportamentalismo radical; positivismo comtiano; filosofia das ciências

Fundação Araucária (processo 3628/2013)

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

OUTRA – descrever área no final do resumo

SKINNER E FOUCAULT: SOBRE A FORMAÇÃO POLÍTICA DE ANALISTAS DO COMPORTAMENTO. *Carlos Eduardo Lopes/ Departamento de Psicologia, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR*

Uma das marcas do discurso pós-moderno é a defesa da transgressão de fronteiras geográficas, ideológicas, filosóficas, em busca de traduções, retraduições, diálogos e eventuais consensos. Dessa forma, a contemporaneidade tenta romper isolamentos defendendo uma ampliação de horizontes com vistas à construção de um mundo melhor. Seguindo esse espírito, este trabalho tenta esboçar um possível diálogo entre as propostas de dois grandes pensadores do século XX: B. F. Skinner e M. Foucault. Se, em um primeiro momento, essa aproximação pode parecer infrutífera e até mesmo ofensiva, tanto para skinnerianos quanto para foucaultianos, quando pensada com mais cuidado ela pode mostrar-se bastante útil para enfrentar questões centrais na psicologia em geral e na análise do comportamento em especial. Essa tentativa de diálogo justifica-se, inicialmente, por algumas afinidades que podem ser encontradas nas propostas dos dois autores. Em primeiro lugar, as noções de controle em Skinner e de poder em Foucault compartilham semelhanças que merecem ser destacadas: são formas de pensar as relações interpessoais afastando-se de uma visão romântica de ser humano, que o vê como um ser isolado, um eu iniciador, autônomo e descontextualizado. Nesse sentido, a historicidade do ser humano, bem como a participação da cultura na constituição do sujeito, parecem ser aceitas tanto por Skinner quanto por Foucault. Além disso, as análises foucaultianas do poder disciplinar, mais especificamente, do papel das instituições, parece consistente com as críticas de Skinner às agências controladoras. Ao mesmo tempo, as alternativas políticas encontradas nos textos skinneriano e foucaultiano parecem conciliáveis. Do lado de Skinner, encontra-se a proposta do contracontrole e controle face a face como maneiras de enfraquecer as agências controladoras. Do lado de Foucault, destaca-se a resistência e o cuidado de si como formas de enfrentar os problemas iminentes ao poder mediado por instituições. Por outro lado, há também discordâncias que precisam ser assinaladas. Skinner parece ser um entusiasta do conhecimento científico, o que o leva a amenizar e, por vezes, omitir críticas à ciência. Por outro lado, Foucault insiste na inclusão da ciência no mesmo processo histórico permeado pelas relações de poder. Isso quer dizer que a ciência não está isenta dos problemas que podem surgir em relações de poder, sobretudo em relações institucionalizadas como parece ser o caso da ciência moderna. Nesse caso, o principal risco é de que a ciência converta-se em poder disciplinar, voltado para a docilização e dominação dos indivíduos. Nesse sentido, Foucault permite que se faça uma análise crítica do funcionamento da comunidade científica, com destaque para as relações de poder iminentes a ela. Partindo desse diálogo, este trabalho defende a necessidade de uma reflexão política na análise do comportamento, apontando a importância de que as críticas foucaultianas participem da formação de futuros analistas do comportamento.

Skinner; Foucault; política.

Pesquisador - P

FORM - Formação em Psicologia

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AS PROPOSIÇÕES METAPSICOLÓGICAS DE B. F. SKINNER E DE M. MERLEAU-PONTY. *Henrique Mesquita Pompermaier/ Programa de Pós-graduação em Psicologia, Laboratório de Estudos do Comportamento Humano, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP*

O diálogo entre as abordagens fenomenológica e analítico-comportamental em geral é visto com restrições de parte a parte. Uma das tentativas mais conhecidas dessa aproximação foi um simpósio realizado em 1963, na Universidade de Rice, congregando filósofos da ciência, psicólogos de orientação fenomenológica e analistas do comportamento, dentre eles Carl Rogers e B. F. Skinner. Os trabalhos inspirados nesse evento concentram-se em reportar os argumentos colocados em debate a partir de um viés mais prático que filosófico, sem apresentarem elaborações detalhadas sobre os pontos de convergências e, principalmente, divergências, e sem apontar revisões possíveis em cada teoria a partir desses diálogos. Além disso, grande parte dos argumentos explorados nesses trabalhos refere-se à abordagem existencial-fenomenológica estadunidense, que se distancia em aspectos cruciais da proposta da fenomenologia europeia, tal como apresentada na obra de M. Merleau-Ponty. Ao contrário da primeira, a proposta merleau-pontyana critica o idealismo e o dualismo instaurados por compreensões mentalistas e intelectualistas. Indicando também o comportamento como objeto de estudo de uma disciplina psicológica, a abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty apresenta perspectivas bastante próximas à compreensão comportamentalista de Skinner, tais como: a) a relação entre a compreensão do operante e a noção de direcionalidade e ação no mundo; b) as críticas ao subjetivismo e ao mentalismo, bem como o decorrente c) questionamento e propostas de superação do dualismo instaurado pela tradição mentalista na psicologia; e d) a crítica e superação do pensamento causal via uma abordagem relacional-funcional do comportamento. Não obstante, a proposta merleau-pontyana explora detidamente temas que ainda são mote para críticas ao projeto analítico-comportamental, como a experiência, o discurso em primeira pessoa, a intencionalidade e a consciência. Diante desse quadro, o presente trabalho visa explorar o argumento de que aspectos importantes do comportamentalismo radical podem ser mais bem desenvolvidos nas bases da fenomenologia radical, com base na indicação das possíveis aproximações e distanciamentos entre as proposições metapsicológicas de Skinner e Merleau-Ponty.

Área: OUTRA - Epistemologia da Psicologia.

Comportamentalismo radical; Fenomenologia; Skinner; Merleau-Ponty

Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº2013/25363-9)

Doutorado - D

OUTRA – descrever área no final do resumo



DA EPISTEMOLOGIA À ÉTICA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE RICHARD RORTY E B. F. SKINNER. *César Antonio Alves da Rocha/ Programa de Pós-graduação em Psicologia, Laboratório de Estudos do Comportamento Humano, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.,*

A proximidade entre as filosofias do pragmatismo e do behaviorismo radical é reconhecida por diferentes autores, inclusive B. F. Skinner. Não obstante, tal proximidade é comumente circunscrita a um aspecto epistemológico: as duas perspectivas renunciariam

B. F. Skinner; Richard Rorty; behaviorismo radical; pragmatismo; ética

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2014/02981-1)Doutorado - D

OUTRA